

ENTREVISTA

Ariel Palacios / JORNALISTA

Correspondente da GoboNews lança livro sobre peculiaridades de países e líderes da região, passando por figuras como Maduro, Stroessner, Kirchner e, mais recentemente, o presidente argentino de ultradireita, Javier Milei

JANAÍNA FIGUEIREDO/José Aguiar (Infográfico com a reprodução)

‘NA AMÉRICA LATINA, MUITOS ACHAM QUE SÃO ENVIADOS DE DEUS’

Após coirir a América Latina a partir de Buenos Aires por quase 30 anos, o jornalista Ariel Palacios lança hoje um novo livro, “América Latina, Lado B: O cringe, o bizarro e o esdrúxulo de presidentes, ditadores, e monarcas dos vizinhos do Brasil”, pela Globo Livros. Ao longo de mais de 400 páginas, Palacios fala sobre as peculiaridades de países latino-americanos de todas as épocas. Mas alguns dos países estão, como disse o jornalista em entrevista ao GLOBO, na pole position, entre eles Argentina, Venezuela, Paraguai e Bolívia.



São as bizarrices, o que chamamos de pequenas histórias, fatos que não aparecem nas grandes reportagens. Embora alguns, sim, apareçam, porque há coisas que são aparentemente pequenas, mas que ilustram muito bem a personalidade de um caudilho, ditador ou presidente democraticamente eleito. É interessante como as sociedades toleram alguns tipos de comportamentos. Alguns deles são coisas feitas explicitamente na frente do público, outras nos bastidores.

Qual seria uma bizarrice explicita?

Por exemplo, Maduro falando que se comunicava com Chávez através de um passarinho, que anos depois virou uma borboleta, mudança que teve pouco ilope. Maduro também convenceu com vacas e pediu votos a elas, numa exposição agropecuária. Também tivemos o venezuelano falando com um cavalo. Em 2013, o primeiro escândalo do governo de Maduro foi, pouco depois da eleição, a crise do papel higiênico. Primeiro ele disse que era uma mentira inventada pela mídia e a oligarquia.

Depois botou a culpa nos EUA e, por último, afirmou que se tratava de uma vitória da revolução bolivariana, porque se faltava papel higiênico era porque os venezuelanos estavam se alimentando mais.

Você mistura bizarrices que acompanhou de longe, e outras de perto em viagens ao Uruguai, Equador e Paraguai, entre outros países...

Também, e coisas da História, porque são 200 anos de bizarrices na América Latina.

Poderia contar algumas?

A Bolívia, por exemplo, tem bizarrices de sobra ao longo de sua História. No século XIX, tivemos o general Mariano Melgarejo, ditador e fanático pela França. Quando a guerra entre Prússia e França começou, em 1870, Melgarejo quis enviar suas tropas para Paris. Seus generais lhe explicaram que era muito complicado, mas ele queria salvar a França.

(...) Um dia, Acabou voltando para La Paz, foi derrubado e terminou seus dias em Lima. A Bolívia tem bizarrices aos montes.

Temos um país campeão das bizarrices na América Latina?

É difícil de estabelecer. Mas existe um grupo de países que ocupa a pole position, como Argentina, Bolívia, e Venezuela.



“A concentração de poder é muito grande e as instituições tendem a ser fracas. A idolatria pela figura do caudilho, que é uma herança espanhola, está viva até hoje”

la, que tem sido bizarra nas últimas décadas.

Com o chavismo?

Sim, 80% das bizarrices venezuelanas são com o chavismo e com o madurismo, principalmente o madurismo. Mas na Bolívia é uma constante, no Paraguai e no Equador também.

Os líderes latino-americanos tendem a ser mais bizarros? Infelizmente, na região a

concentração de poder é muito grande e as instituições tendem a ser fracas. A idolatria pela figura do caudilho, que é uma herança espanhola, está viva até hoje. Temos também o lado místico de muitos, que acham que são enviados de Deus.

E assim chegamos a Javier Milei. Ele é o mais bizarro dos presidentes argentinos, civis e militares?

Sim, Milei é o campeão da bizarrice porque os outros acumulam situações ao longo de suas vidas, mas com Milei é tudo muito rápido. Ele era um economista de quinta categoria e chegou a presidente. Ele é totalmente um outsider, e a política argentina não estava acostumada a outsiders. É um fenômeno inédito, como foi [o ditador Alberto] Fujimori no Peru.

As maiores bizarrices são suas relações com seus cachorros e com a irmã, Karina?

Sim, [o fato de] ele clamar e falar com o cachorro para pedir conselhos políticos. Qualquer pessoa, se puder se comunicar com seu cachorro morto, vai provavelmente lhe perguntar se ele está bem, onde está, não pedir conselhos políticos. Milei já disse em entrevista que seus cães são seus melhores conselheiros e estrategistas. É um presidente que consulta um animal, através da irmã. O jornalista Hugo Alconada Mon consultou mais de 20 fontes e contou que Milei disse a conhecidos que já foi gladiador há 2 mil anos, no Coliseu de Roma, onde se encontrou com um leão, que era a encarnação do cachorro. No encontro, conta Milei, Deus apareceu e disse a eles que não deviam se confrontar porque no futuro se ajudariam mutuamente. Isso não é normal.

Protestos contra Israel em universidades chegam à França

Sciences Po adere a movimento; nos EUA, demandas e críticas a atos se acumulam

MAGNETON

Desde a semana passada, protestos pró-palestinos se espalharam pelos campi das principais universidades dos EUA sob a liderança de estudantes que, além de defender o fim da guerra entre Israel e o grupo terrorista palestino Hamas, reivindicam que suas instituições de ensino rompam laços com o Estado judeu e com empresas que lucram com o conflito. Ontem, as manifestações ultrapassaram as fronteiras dos EUA, chegando à Science Po, em Paris. A mobilização na prestigiosa instituição francesa terminou, porém, após a reitoria prometer organizar um debate interno e suspender os processos disciplinares contra estudantes.

Enquanto os estudantes montam acampamentos em dezenas de universidades como forma de protesto, políticos democratas e republicanos, bem como organizações ligadas à comunidade judaica, denunciam atos antissemitas relacionados à mobilização. Os líderes dos protestos rejeitam o teor antissemita, mas

alunos judeus de algumas das instituições se disseram intimidados em seus campi. Na quinta-feira, as denúncias pareciam reforçadas após surgirem vídeos gravados em janeiro em que Khayman James, um dos líderes dos atos em Columbia, diz que “sionistas não merecem viver”. James pediu desculpas ontem.

O QUE SÃO OS PROTESTOS PRO-PALESTINAS NAS UNIVERSIDADES DOEUA?

Quase 50 universidades americanas foram palco de manifestações convocadas por organizações de estudantes pró-Palestina. Da Califórnia ao Maine, de Minnesota ao Texas, os atos ocorreram com a agenda comum de pedir um cessar-fogo imediato em Gaza e o fim do conflito. Em muitas universidades, os estudantes montaram acampamentos nos campi como forma de protesto, o que deu lugar a reações perante a escolha de garantir o direito à livre manifestação ou manter a ordem e as atividades regulares. Algumas universidades acionaram as polícias estaduais, o que resultou na

detenção de mais de 400 estudantes até o momento.

QUANDO COMEÇARAM OS PROTESTOS?

Os primeiros começaram em 26/3, quando estudantes da Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, acamparam no campus. Um dia depois, alunos do Smith College, em Northampton, Massachusetts, fizeram o mesmo na reitoria. O perfil nacional dos protestos aumentou em 17 de abril, quando estudantes da Universidade de Columbia, em Nova York, ergueram acampamento no campus, e alunos das principais instituições de ensino dos EUA, como Harvard, Yale, Princeton e MIT, aderiram.

QUAIS SÃO AS DEMANDAS?

As demandas são variadas. Contudo, algumas são compartilhadas e contam com o suporte de organizações estudantis nacionais. Além de protestar contra a guerra em Gaza e o que consideram o genocídio palestino cometido por Israel — mais de 34 mil pessoas morreram no enclave desde o



Ativismo. Manifestantes pedem cessar-fogo no campus da Universidade George Washington, na capital americana

começo da guerra, segundo o Ministério da Saúde do Hamas — os estudantes exigem que suas universidades condenem o que se passa no enclave e que retirem investimentos em empresas que lucram com a guerra. Em algumas instituições, os estudantes também pedem o fim de vínculos e programas integrados a universidades israelenses. Com o começo da repressão policial, a mobilização também se voltou a uma questão interna: o direito à livre manifestação em solo americano.

OS PROTESTOS SÃO ANTISSEMITAS?

Organizações vinculadas à comunidade judaica e políticos republicanos e democratas de-

nunciaram o que classificaram como gestos antissemitas durante os atos. A Liga Antidifamação afirmou ter registrado em várias universidades casos de apoio explícito ao Hamas e a atos de violência similares ao ataque de 7 de outubro contra Israel. Em diversos campi, estudantes que aderiram às manifestações e organizações que convocaram os atos negam que o movimento tenha por objetivo fomentar o antissemitismo. Determinados grupos pró-Palestina, porém, questionam as acusações feitas por autoridades da ONU, afirmando que elas não fariam distinção entre antissemitismo (antijudeu) e antisionismo (contrário ao Estado judeu). Grupos de estudantes ju-

deus também participam dos atos em determinadas instituições, ao passo que outros se dizem intimidados e que não têm comparecido aos campi.

O QUE AS AUTORIDADES DIZEM?

O secretário de Estado americano, Antony Blinken, classificou as propostas pró-Palestina como parte da democracia. Contudo, criticou a falta de condenação expressa ao Hamas por sua responsabilidade no conflito. A fala ecoou o presidente Joe Biden, que condenou os gestos de antissemitismo, mas defendeu a liberdade de expressão. Trump criticou as manifestações.

Com NYT e AFP